

**CHEGA DE SAMBA:
estratégias de recriação da identidade pelas brasileiras em Pequim**

***ENOUGH OF SAMBA:
identity recreation strategies by Brazilian women in Beijing***

Tereza Correia da Nobrega Queiroz¹

Ana Carolina Costa Porto²

Resumo

As discussões sobre a migração brasileira para diversos países receptores na América e na Europa são bastante frequentes. Poucas pesquisas, porém, se debruçaram sobre a migração brasileira para a China. Por esta razão, este artigo, tem como intuito analisar as trajetórias migratórias de cinco brasileiras para Pequim e utilizá-las como metonímia para a migração de diversas brasileiras para a capital da República Popular da China. O objetivo inicial da pesquisa era estudar a comunidade brasileira como um todo, mas as mulheres representam um papel muito mais significativo na reconstrução da identidade brasileira, na medida em que são elas que estão à frente da principal organização representante dos brasileiros, o Brapeq. Para tanto, realizamos entrevistas narrativas com mulheres de distintas faixas etárias, classes sociais, estilos de vida e que apresentavam também diferentes experiências de migração. Por meio das entrevistas narrativas, realizadas em diversos espaços, e das entrevistas em trânsito, buscamos narrar a história de vida dessas mulheres para compreender como cada trajetória migratória conduz a uma construção diferente do que é a identidade brasileira. A pesquisa evidenciou que as mulheres querem afastar-se do estereótipo do Brasil como o país do samba, do carnaval e da mulata. Entre a maioria das entrevistadas há uma busca pela criação de uma imagem do Brasil que não passa pela interface com esses elementos culturais. Em outras palavras, há uma tentativa de reconfiguração da identidade da mulher brasileira associada ao mundo do trabalho, à independência e a uma cultura mais refinada e elitista.

Palavras-chave: Migração. Gênero. China. Identidade Brasileira.

1 Doutora. em Sociologia. Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. Email: queiroz.tereza@gmail.com

2 Doutora em Sociologia. Professora da Faculdade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Brasil. Email: louporto23@gmail.com

Abstract

Discussions about Brazilian migration to several receptive countries in America and Europe are frequent. Little research, however, carry on investigation about Brazilian migration to China. For this reason, this paper, has the aim to analyze migration trajectories of five Brazilian ladies to Benjing, and use them as metonym to migration of several Brazilian ladies to the Public Republic of China capital. The initial goal of this research was to study the Brazilian community as a whole, but women represent a more significant role for the Brazilian identity construction, in a way the are them, the women, who are in charge of the main representative organization of Brazilians, o Brapeq. To reach our goal, narrative interviews were conducted with women of different ages, social classes, life styles, and that underwent diverse migration experiences. Via the narrative interviews, conducted in cafes, restaurants or residency of the interviewed women, as well transit interviews, we reached for the narration of the history of lifes of these woman to understand as each migration trajectory conducts to different construction of what is the Brazilian identity. The research made evident that women want to distance themselves of the Brazilian stereotype as the country of samba, carnival and mulattos. Among the majority of the interviewed women there is a search for the creation of an image of Brazil that does not trespass these cultural elements. In other words, there is an attempt of reconfiguration of the Brazilian woman identity, associated to the work environment, to the independence and to a more elitist and refined culture.

Keywords: Migration. Gender. China. Brazilian Identity.

Introdução

O mundo experimenta atualmente um grande fluxo migratório relacionado com a reorganização da economia mundial nas últimas décadas, gestando a constituição de um espaço transnacional onde circulam capitais, mercadorias, serviços e informações, além de trabalhadores (SASSEN, 1988; SASAKI, ASSIS, 2000).

Esses movimentos que envolvem o trânsito entre diferentes países, acarretam reconfigurações de processos identitários de diferentes tipos, como aqueles das identidades de gênero, identidades nacionais, identidades étnicas, entre outras.

As construções identitárias são processos complexos em constante reelaboração, e se intensificam ainda mais em contextos migratórios, quando as experiências de alteridade se radicalizam, questionando estereótipos e estimulando a redefinição³ do que é próprio e do que é alheio. As trocas entre distintas culturas e identidades se multiplicam, as fronteiras se flexibilizam ou são recolocadas em novos patamares, produzindo hibridizações.

3 A pesquisa resultou em uma tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGS/UFPB) no ano de 2014.

Esta pesquisa se encontra na esteira dessas discussões. Ela teve início com uma viagem à China, em que algumas experiências na cidade de Pequim suscitaram questões relacionadas à presença de um grupo expressivo de mulheres brasileiras, lá residentes. Quem eram as mulheres migrantes e por quais razões haviam migrado para a China? O que acontecia com a identidade brasileira no contexto estrangeiro?

Alguns trabalhos mais recentes têm analisado as migrações femininas, atentando para as peculiaridades de suas motivações e de sua atuação no contexto da nova sociedade. Mesmo quando a migração é um projeto familiar, conduzido pelo homem, as mulheres vêm demonstrando que são ativas em todo o processo. Temos, assim, um leque de novas interrogações sobre as diferenças entre os distintos contextos migratórios que precisam dar conta tanto das singularidades das migrantes quanto de suas culturas de origem e de destino.

A pesquisa realizada em Pequim demonstrou a diversidade de trajetórias migratórias e as diferentes maneiras de lidar com o eu, o outro, o nós e o eles, praticadas pelas brasileiras. Trata-se de mais uma contribuição no sentido de compreender as especificidades dos projetos migratórios e as vivências de mulheres brasileiras em grandes cidades globalizadas.

O desenho da pesquisa

A pesquisa consistiu na realização de 15 entrevistas com brasileiras que vivem na capital da China e outras 5 entrevistas com outros brasileiros que, de alguma forma, poderiam contribuir para a compreensão dos migrantes brasileiros no mundo asiático. O número de 15 entrevistadas foi definido previamente, mas apenas 10 entrevistas foram utilizadas de forma mais completa nesta pesquisa. O critério para escolha dessas 10 levou em consideração a densidade das entrevistas, ou seja, o fato de terem rendido mais discussões e focalizado com mais profundidade as questões relevantes para a pesquisa.

A escolha das brasileiras que iriam participar da pesquisa, por sua vez, foi definida pela disponibilidade e interesse em contribuir com o trabalho, a partir da constituição de uma rede de relações estabelecida com brasileiras que têm atuação importante na chegada em Pequim, como as que atuam na embaixada brasileira. Também se levou em conta o critério da diversidade, isto é, optou-se por trabalhar com mulheres de classes sociais, faixa etária e estado civil diferentes e motivações diversas para migração.

Por meio das entrevistas realizadas em cafés, restaurantes, ou na casa das entrevistadas, e das entrevistas em trânsito – que, como aponta Michèle Jolé (2005, p. 4), demonstram “um interesse específico e real pelo espaço em sua forma física, sensível e imaginária” –, buscou-se recontar a história de vida dessas mulheres

para que se pudesse compreender e analisar as percepções das distintas situações vivenciadas por elas.

O percurso metodológico dessa pesquisa assumiu o seguinte desenho. Em primeiro lugar, realizou-se uma pesquisa exploratória, durante os cinco meses iniciais do trabalho de campo, buscando identificar aspectos da comunidade brasileira em Pequim que pudessem suscitar questões relevantes de investigação sobre os processos migratórios.

Numa segunda fase – e após a realização de algumas entrevistas iniciais e da coleta de material, durante esses meses, com a comunidade brasileira – ficou decidido que o objeto da pesquisa seria a migração feminina e a reconstrução da identidade nacional, e uma nova pesquisa bibliográfica foi iniciada com ênfase nas problemáticas colocadas pelo campo no início. Um contato fundamental, desde o início e durante toda a pesquisa, foi o Brasileiros na China (Brapeq), criado para dar apoio aos brasileiros na cidade, principalmente durante a fase inicial de sua inserção naquele espaço.

Num terceiro momento, com as leituras feitas, passou-se para uma nova fase de trabalho de campo, que incluiu a realização de entrevistas e a participação e observação em eventos promovidos por brasileiros na cidade⁴. Foi retomado o contato com as brasileiras conhecidas durante a primeira viagem. As que não se aproximaram por meio dos contatos feitos na primeira fase da pesquisa vieram do acompanhamento que foi realizado durante os eventos brasileiros. A maioria delas, aliás, surgiu dos almoços do Brapeq, que são mais intimistas, além de serem frequentados majoritariamente por mulheres. Algumas se dispuseram prontamente a participar da pesquisa, outras buscaram contato por e-mail ou telefone, falando do interesse em colaborar com o trabalho.

A pesquisa foi realizada principalmente por meio de entrevistas narrativas. Elas eram iniciadas com a colocação do tópico principal da investigação e, em seguida, algumas perguntas eram feitas com o objetivo de esclarecer detalhes do que era relatado. Esse estilo de entrevista, menos formatado, permite contemplar a diversidade das experiências e perceber as prioridades e valorações que cada uma colocava no relato das trajetórias de migração e de reelaboração de si.

Os relatos de vida, neste sentido, guiavam a pesquisa. Por essa razão, optou-se por deixar as brasileiras narrarem livremente suas histórias e, só depois, lançar algumas perguntas de esclarecimento. Embora alguns autores, como Portelli (1997), considerem como “mito da não-interferência” o fato de o pesquisador deixar o

4 A segunda etapa da pesquisa foi realizada por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (Capes).

sujeito falar livremente e dar início à conversa com o tema que julgar melhor (GARCIA, 2006), achou-se por bem respeitar ao máximo as escolhas manifestas pelas entrevistadas.

A história de vida, dessa forma, foi considerada o instrumento mais adequado para a realização da pesquisa, pela possibilidade de dar voz a essas mulheres e permitir que elas mesmas construíssem, narrativamente, as suas trajetórias migratórias e mostrassem de que forma a migração interferiu na compreensão que elas têm da identidade brasileira.

O Brapeq e a comunidade brasileira em Pequim: uma questão de gênero

A partir de agora será usado o termo comunidade para denominar os brasileiros lá residentes, uma vez que é assim que a maioria das entrevistadas a eles se referem. O conceito de comunidade é controverso, mas o uso, nesse caso, pelos brasileiros, como categoria nativa, remete a certo sentimento de identificação e pertencimento entre e de diferença em relação ao outro, expressando o sentimento de solidariedade que se desenvolve entre estrangeiros vivendo fora de seu país. Embora nem todos eles considerem o conjunto dos brasileiros como uma comunidade, a maioria das entrevistadas, ao se referirem ao Brapeq e aos brasileiros, utilizaram esse termo.

De fato, é em nome desta comunidade idealizada que circulam dádivas, bens e práticas entre os que partilham uma brasilidade supostamente comum. Como escreveu Bauman (2003, p. 56)⁵ citando Geoff Dench, a comunidade tem como característica a “obrigação fraterna de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou importância deles”. Assim, no grupo de brasileiras em Pequim, encontramos mulheres de distintas classes e categorias sociais partilhando espaços e afetos, o que provavelmente não aconteceria em solo brasileiro, quando as clivagens de classe e de *status* seriam bem mais demarcadas. As relações entre as participantes são permeadas pelas práticas do dar, receber e retribuir, configurando, como definiu Mauss (1974), um circuito da dádiva.

O Brapeq tem em sua diretoria quatro mulheres de faixas etárias variadas – duas com cerca de 50 anos, uma com pouco mais de 40 e outra perto dos 30 – e

5 Embora Bauman (2003) explicita que algumas características associadas à comunidade – como segurança, aconchego e apoio mútuo – só existem idealmente, há que se considerar, como escreve Amit (2002 apud REZENDE, 2009), que não só as “comunidades imaginadas” produzem emoção, mas também as práticas sociais concretas são estimuladoras da empatia emotiva, sobretudo em condições peculiares como a de estar fora de seu país de origem.

conta com a colaboração ativa de seis voluntárias – que também apresentam idades diversas, embora, no caso dessas, a maioria tenha entre 27 e 35 anos.

No *Ensaio sobre a dádiva* Mauss entende que as trocas que se estabelecem entre os indivíduos e as coletividades não se restringem aos presentes mas também abrangem as festas, visitas, esmolas e inclusive os tributos (MAUSS apud LANNA, 2000). Assim, em cidades modernas como Pequim, esses processos continuam a acontecer. É através do Brapeq que se consegue empregos e ajudas de várias ordens, gerando expectativas de retribuição e de reciprocidade. Além disso, como apontou Sabourin (2008, p. 133), o sentido de dádiva em Mauss não se circunscreve à troca de “bens, mas antes de amabilidades, ritos”, mostrando o quanto essa noção está relacionada com a ideia de honra e nobreza.

Assim, consideramos como dádivas muitas das trocas estabelecidas no seio do grupo estudado – a ajuda, a gentileza e os próprios ritos vivenciados –, quando percebemos que os almoços regados a comida brasileira e festas tradicionais, como São João, estão muito presentes no universo do Brapeq. Aliás, o intuito principal deste parece ser justamente auxiliar “aquele que é meu igual”, por fazer parte da mesma “comunidade imaginada” chamada nação.

Talvez por esse motivo, inclusive, as integrantes do Brapeq façam questão de deixar claro que a organização permanece não tendo objetivos lucrativos, sendo mantida com a ajuda das integrantes e das voluntárias. As verbas arrecadadas por meio da venda de ingressos para passeios, jantares e sessões de filme, bem como o dinheiro doado pelos patrocinadores, é o que permite a realização dos eventos. É por isso, aliás, que, segundo as representantes do Brapeq, os homens não fazem parte da diretoria. Uma delas disse que já havia tentado colocar um homem para trabalhar na instituição, mas como ele queria transformar a organização numa empresa lucrativa, elas acharam por bem desligá-lo do Brapeq, tornando-se esta uma entidade predominantemente feminina.

A associação – certamente, a mais importante da comunidade brasileira na China – surgiu há oito anos, tendo como intuito facilitar a integração, sobretudo das mulheres que vinham acompanhar seus maridos e encontravam dificuldades de comunicação e um isolamento social muito grande.

Como bem relatou uma das integrantes do Brapeq, muitas dessas mulheres tinham uma vida ativa no Brasil, virando-se por conta própria e, quando tomam a decisão de acompanhar seus maridos, deixam o País e o emprego e passam a viver em Pequim numa condição de dependência permanente. Os relatos comprovam que, em muitos casos, a migração é um projeto familiar e não individual, o que questiona estudos que atribuem um caráter meramente individual e predominantemente masculino ao percurso migratório.

A primeira forma de dependência apontada foi a financeira. Muitas delas iam

para a China sem falar absolutamente nada de mandarim e sem dominar o inglês, o que inviabilizava a busca por um emprego e o estabelecimento de amizades. A segunda forma relatada foi a dificuldade com a língua, que redundava na dependência de uma intérprete – para aquelas que poderiam pagar por uma – que traduzisse o mundo a sua volta.

Uma das integrantes do Brapeq lembra que, no primeiro almoço, uma brasileira teve uma crise de choro muito grande por se sentir novamente viva do ponto de vista social e por poder dividir problemas que somente elas entendiam, uma vez que compartilhavam histórias e narrativas semelhantes dessa comunidade.

A partir daí, foi criada uma rede de ajuda, em torno do Brapeq, com o objetivo de facilitar o dia a dia dessas mulheres. As que dominavam melhor o inglês ou até o chinês se colocavam à disposição para auxiliar em questões do universo doméstico, tais como escola para os filhos, ida ao médico, ou mesmo ajudavam a encontrar um emprego para aquelas que buscavam uma inserção no mercado de trabalho.

As que sabiam cozinhar bem se tornavam uma espécie de “chef oficial” da comunidade brasileira, fazendo os pratos relacionados à identidade brasileira, como feijoada, pão de queijo e coxinha⁶, tanto para os jantares do grupo quanto para eventos menores.

Atualmente, o Brapeq conta com um calendário intenso de eventos que vai de janeiro a dezembro, em que são realizados almoços, *happy hours*, caminhadas mensais, sem contar as projeções de filmes brasileiros. Além desses eventos periódicos, são realizados ainda a festa de São João, no mês de junho, o Festival de Cinema Brasileiro, em outubro ou novembro, e o almoço de Natal, em dezembro.

No site do Brapeq também há seções relacionadas à utilidade pública com informações importantes para os brasileiros que moram em Pequim, como, por exemplo, justificativa de voto em ano eleitoral, alistamento militar, incluindo dicas sobre como sacar dinheiro e aproveitar melhor a cidade. A página virtual do grupo conta igualmente com o setor de classificados cujo objetivo é apresentar as vagas de emprego disponíveis para brasileiros, bem como oferecer serviços, como o de tradutor, passando pelo anúncio de médicos brasileiros e pela divulgação de eventos relacionados à cultura brasileira.

A importância do Brapeq, especialmente para as mulheres que migraram por reagrupamento familiar e que não tinham um trabalho definido na China, faz pensar na situação e nas incertezas do migrante no país de destino. Para Sayad (1999), o

⁶ Vale ressaltar aqui a importância da comida brasileira como forma de socialização e de recreação de sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada” (OLIVEIRA, 1999; RIBEIRO, 1999; REZENDE, 2009).

trabalho é a única razão de ser do migrante; o trabalho faz nascer o imigrante, o faz existir e, quando termina, faz “morrer” o migrante. As mulheres que permaneciam no âmbito doméstico, sem lugar definido na sociedade chinesa, encontraram na construção da associação um lugar de reconhecimento e de agregação que deu outro sentido a seus processos migratórios, abrindo espaço para a individualização.

Existem ainda outros grupos menores de brasileiros na China, a exemplo da Associação de Profissionais Brasileiros na China⁷ e da Associação de Estudantes Brasileiros na China, mas não têm a mesma importância da Brapeq. Ainda que essas associações também trabalhem para promover a divulgação da cultura brasileira na China, alguns brasileiros isolados, em sua maioria mulheres, realizam eventos de divulgação da cultura brasileira.

É o caso do Doc. Brazil Festival, criado pela brasileira Fernanda Ramone, em 2010. O festival, segundo a idealizadora do projeto, tem como principal objetivo divulgar a cultura brasileira, mas fugindo ao estereótipo⁸ do país do samba e do Carnaval. O evento, dessa forma, busca mostrar as diferenças culturais entre brasileiros e chineses, mas também apontar as semelhanças entre essas culturas.

Além da organizadora do Doc. Brazil, outras duas mulheres, dessa vez duas chinesas que cresceram em São Paulo, Ligia Liu e Sarina Tang, fazem igualmente um trabalho de divulgação da cultura brasileira. A primeira está à frente do Clube do Livro Brasil-China, uma biblioteca – montada no Restaurante Casa Brasil, localizado em frente à Embaixada do Brasil – que pretende ser um espaço de acesso à cultura brasileira, tanto por parte dos chineses quanto dos brasileiros que queiram matar as saudades do país. O Clube do Livro realiza também palestras sobre questões relacionadas ao Brasil e aos intercâmbios entre Brasil e China.

A segunda é uma historiadora, especialista em arte, que mora ao mesmo tempo em Nova Iorque, Pequim e em Lucca, na Itália. Embora o foco da historiadora seja arte contemporânea em geral, ela é responsável por trazer artistas brasileiros para expor em Pequim.

Esses exemplos servem para ilustrar o quanto a comunidade brasileira em Pequim, embora seja pequena do ponto de vista numérico, é bastante atuante, ou seja, trabalha para divulgar a cultura brasileira. O que chama ainda mais atenção nesta comunidade, contudo, é que, conforme vem se delineando até

7 Não iremos nos deter a esse grupo porque ele tem sede e atua de forma mais intensa em Xangai, enquanto nossa pesquisa se centra na capital da República Popular da China.

8 Este intuito de fugir aos estereótipos associados ao Brasil é uma preocupação também das brasileiras que organizam o Festival de Cinema Brasileiro do Brapeq e pela comunidade brasileira em geral.

agora, há uma preocupação em formar uma identidade brasileira distinta da que se constitui em outros países.

Outro aspecto marcante é que a imensa maioria dos eventos e organizações ligados à promoção da cultura brasileira é encabeçada por mulheres. Esse, aliás, é o motivo pelo qual se decidiu fazer o recorte de gênero nessa pesquisa. A princípio, a ideia era estudar a comunidade brasileira como um todo, mas a análise do material coletado na primeira fase de pesquisa mostrou que o protagonismo feminino no âmbito cultural e associativo é preponderante dentro do universo dos brasileiros na China.

As estratégias de recriação da identidade brasileira e os seus múltiplos significados

No que se refere aos relatos produzidos sobre a trajetória de migração e do cotidiano das brasileiras em Pequim, observou-se, inicialmente, que há uma reflexão, presente em todos eles sobre o trabalho de reconstrução da identidade brasileira.

Entre as mulheres que migraram por reagrupamento familiar foram encontradas trajetórias distintas. Para elas, a princípio, a mudança para a China significou uma perda de liberdade individual e de independência financeira e pessoal, pois a maior parte delas tinha emprego e renda no Brasil e tiveram que deixá-los para migrar. Mesmo que falassem outros idiomas, como o inglês, o não conhecimento do mandarim deixou-as num isolamento muito grande e na dependência de outros. Além disso, algumas migraram com os filhos, levando-as a enfrentar problemas com a escola e a educação das crianças.

Carina relata que a família almejava melhorar de vida, seu marido havia recebido uma oferta de emprego irrecusável para trabalhar em Pequim, mas a incerteza sobre a migração era muito grande: *“eu não tinha ideia do que era a China. [...] Não falava inglês. [...] chinês, muito menos. Então eu vim às cegas. A ideia era sair, melhorar. [...]”*. No aeroporto de uma conexão, deu-se conta que *“[...] a minha vida eram aquelas malas, dois filhos pequenos e um futuro totalmente incerto. Então foi bem difícil”*. (Carina).

Já em solo chinês, os primeiros tempos se passam na reclusão do lar. As que tinham melhores condições financeiras contratavam intérpretes ou empregadas domésticas. A comunicação era mediada por tradutores portáteis inglês-chinês e chinês-inglês. Mas esse primeiro contato com a língua e com o povo permaneceu, num primeiro momento, restrito ao lar, e é nesse contexto que o Brapeq surge com o intuito de integrar as brasileiras em situação de dependência e confinamento doméstico.

O primeiro movimento de acesso à vida pública é a aprendizagem da língua estrangeira – o chinês –, para o diálogo com os nativos, e o inglês, para o acesso aos

espaços internacionalizados que também são frequentes na cidade de Pequim.

No contexto atual, a migração não implica apenas contatos e trocas com o povo da nação de chegada, mas, no caso de uma grande metrópole como Pequim, implica também acesso a outros grupos humanos e nacionalidades que se conectam através de uma economia transnacionalizada.

No caso de Carina, embora a migração tenha sido aparentemente para acompanhar o marido, ela já alimentava, desde muito cedo, sonhos de conhecer o mundo, de sair dos limites da pequena cidade onde vivia. Ela relata momentos de sua infância modesta, vivida em uma pequena cidade no interior de Minas Gerais, dos devaneios para mudar de vida e da vontade de fugir ao destino traçado por sua mãe e pelo mundo ao redor, que implicava a manutenção da subordinação feminina, o cumprimento de papéis tradicionais: ser professora, casar, ter filhos, engordar. Ela fala com orgulho que inverteu esse destino; partiu, não só pela família, mas por si mesma, pelo desejo de novos horizontes, novas possibilidades. Suas mudanças continuaram acontecendo na China até a ruptura do casamento, uma vez que não se sentia mais feliz ao lado do marido. Para ela, a migração havia proporcionado outros modos de viver a vida que não cabiam mais no casamento que ela tinha. Como afirmam Alencar-Rodrigues, Stray e Espinosa (2009, p. 423), “as migrações podem atuar como um motor que impulsiona e desafia mudanças de crenças culturais e atitudes relativas ao gênero”.

Quando decidiu pela separação, não encontrou apoio na comunidade brasileira de seu ciclo de amizades, constituído em sua maioria por mulheres casadas que a aconselhavam a continuar casada. Ela, então, buscou ajuda com a diretora de uma escola, de nacionalidade inglesa e divorciada, que a apoiou em sua decisão. Avaliando esse momento ela afirma: “*por isso eu adoro a convivência com estrangeiros. Me trouxe a mudança em termos de ser mais direta. Por que ficar parada? Vá a luta! Não é o fim do mundo!*” (Carina).

Temos, aqui, a confirmação de pesquisas que afirmam: “se a bagagem cultural que as mulheres imigrantes trazem consigo é colocada em suspeito, uma das razões se deve à sociedade hospedeira, que apresenta novas formas de ser homem e mulher” (ALENCAR-RODRIGUES; STRAY; ESPINOSA, 2009, p. 422). Essa experiência levou Carina a se distanciar das amigas brasileiras.

Outro contraponto que a entrevistada faz entre brasileiras e estrangeiras diz respeito ao consumo ostentatório:

O brasileiro é muito de comparar: compara carro, casa, tudo. Eu acho isso assim cansativo, pobre! A vida é muito mais que isso! Gente, essas pessoas que eu convivo, essas mulheres, essas gringas, são todas casadas com mega-executivos, presidentes, diretores de multinacionais, elas são super simples. Pra elas, o importante é ser culto. Ter cultura. (Carina).

Carina opõe, desse modo, o universo da domesticidade e do consumo, que vê prevalecer entre suas compatriotas, a um universo mais cosmopolita, que valoriza a autonomia pessoal e a ampliação do universo cultural.

Outra entrevistada também fala de tema semelhante, ao afirmar que “*quando eu não estou entre brasileiros não preciso me preocupar com a roupa que estou vestindo, porque chinês é tudo estranho mesmo*” (Helena). É interessante observar que o que muitas delas consideram como característica das brasileiras se deve ao fato de que estão inseridas em um mesmo código cultural específico, vinculado a um estrato social determinado – de classe média alta brasileira –, em que os símbolos de sucesso através do consumo e da aparência são mais pronunciados. Nos almoços do Brapeq ou em outros eventos brasileiros, por outro lado, é como se um microcosmo do Brasil fosse recriado dentro da China, forçando a manutenção dos códigos vigentes no país de origem.

Vânia – uma jovem brasileira de cerca de 30 anos, que se casou com um francês, tendo residido na França antes da migração para Pequim – é exemplo de brasileira que mudou sua concepção sobre o Brasil; afirma admirar a forma bonita e generosa dos brasileiros se comunicarem, mas se considera antissocial (“*não gosto de tumulto, de festa, de barulho*”). Participa dos eventos do Brapeq, mas não se considera nacionalista, nem acha o Brasil o melhor país do mundo.

As duas mulheres citadas acima procuram se distanciar da identidade brasileira e gostam quando são confundidas com estrangeiras. No caso de Carina, a vida na China significou a possibilidade de maior autonomização, distanciamento dos papéis exclusivos de mãe e esposa que a aprisionavam no interior da família:

[...] a China me fez muito bem, porque eu achei o que eu queria. Tem mais a ver com você, com o seu processo individual. Não tem nada a ver com família, com filhos, com marido, com o país. ... E tem meus filhos. Eles são a minha maior inspiração. Mas não são a razão da minha vida. (Carina).

Outra entrevistada, Pâmela, é de origem mais pobre, e sua trajetória de migração teve a ver com um namoro virtual com um estrangeiro que resultou em casamento e em sua ida para a Europa, inicialmente para a Inglaterra. No Brasil, ela trabalhava como demonstradora em uma loja de supermercado e não tinha nível educacional mais elevado. O casamento com um homem branco e europeu significou para ela um mecanismo de ascensão social e a levou para viver no estrangeiro. Posteriormente, seu marido foi trabalhar em Pequim, e ela o seguiu algum tempo depois. Em uma das viagens ao Brasil, o marido de Pâmela sofreu um enfarto e veio a falecer. Apesar deste trauma, ela voltou para Pequim e continua morando e trabalhando lá até hoje.

Sobre as razões de sua permanência, ela fala do apoio que recebeu da comunidade brasileira em Pequim, assim como da família de seu falecido marido:

Eu tive muito suporte aqui. Muito! Muito! Muito! Eu também tive muito suporte da família dele. Eu jamais pensei que as pessoas fossem tão ... su ... como é que se diz ... queridas! Nesse momento difícil da vida. Por isso que é bom o Brasil, você vê o suporte dessas pessoas. Por isso eu não penso em partir. Porque eu sei que eu tenho eles, que nem a família do meu marido. Eles têm medo que eu fique aqui sozinha! Por que eles não têm ideia. Eu tenho mais suporte aqui do que se estivesse no Brasil. Aqui é muito mais diferente, outro mundo. Talvez se eu não tivesse esse suporte aqui eu já teria ido embora.
(Pâmela).

Assim, vemos como Pâmela refez seu projeto migratório sobre novas bases, contando com o apoio do grupo brasileiro em Pequim. Além disso, encontrou inserção no trabalho informal, inicialmente com a fabricação e venda de pão de queijo e atualmente como cabeleireira e manicure para uma clientela brasileira, que percebe em seu trabalho estilos e estéticas próximos do gosto feminino brasileiro. Ela encontrou, em Pequim, espaço de trabalho e novas perspectivas, que estão transformando sua migração em projeto quase definitivo. Ela não cogita retornar ao Brasil, pelo menos no momento:

Aqui tem mais vida! No Brasil também, mas no Brasil falta oportunidade. Depois de 9 anos fora do Brasil, você voltar não é a mesma coisa. Aqui parece que as coisas cada vez mais estão progredindo. Por mim eu vou ficar aqui o quanto eu puder. (Pâmela).

No caso de Pâmela, ela inventou um lugar na China, através de seu trabalho informal, porém ligado aos gostos das mulheres brasileiras, como escovas, tratamentos para o cabelo etc., ou a venda de alimentos típicos da terra natal, como pão de queijo. Através de seu trabalho, voltado para a comunidade brasileira, ela atua fornecendo serviços próprios de seu país que têm uma demanda expressiva por parte das conterrâneas. Daí seu retorno periódico ao Brasil para informar-se sobre as novidades brasileiras, principalmente, no campo da estética feminina. Vemos, assim, que ela encontrou uma brecha de inserção fora do mercado formal e vem afirmando uma prática que ressignifica seu projeto migratório. Ela saiu do estereótipo de mulher negra pobre que casa com europeu branco e em busca de mulheres exóticas e mais domésticas, para assumir sozinha sua própria sobrevivência no país estrangeiro, subvertendo saberes e práticas associadas, em geral, ao sexismo e à mercantilização do corpo feminino.

No caso dessa e de outras brasileiras, o vínculo com a comunidade e com a cultura brasileira seria uma forma de dar significado à experiência de migração, evitando, desse modo, que sejam deslocadas para o não ser, como apontou Sayad (1998).

As brasileiras que migraram para Pequim, tendo o trabalho ou o estudo como motivação, têm idades entre 19 e 35 anos, são solteiras e estão entre as que mais dominam o chinês, algumas delas são fluentes tanto na fala quanto na escrita, embora não tenham nenhuma ascendência chinesa. Em geral, também falam fluentemente outras línguas, como inglês, espanhol e francês.

A primeira grande diferença entre elas e as que migraram por reagrupamento familiar, neste sentido, está no domínio do mandarim, além, claro, do fato de serem solteiras. A fluência no chinês já demarca as diferenças de trajetória entre elas. Distintamente das demais – que, de certa forma, encontravam na família um apoio para se manter em Pequim, mesmo não falando chinês, e que também tinham condições financeiras para pagar intérpretes –, as brasileiras que migraram por trabalho e estudo viram-se diante da necessidade urgente de aprender o chinês ou de aperfeiçoá-lo, no caso das que já estudavam o idioma no Brasil.

A maioria delas não está vinculada ao Brapeq, embora algumas já tenham prestado serviço voluntário à instituição. Apesar de, diferentemente do que ocorre com as que migraram por reagrupamento familiar, as brasileiras “do trabalho e estudo” não estabelecerem tantos laços com o Brapeq, isso não exclui o fato de que elas, por conta própria, também se dediquem a trabalhos vinculados ao Brasil.

É o caso de duas jornalistas correspondentes de jornais brasileiros que, nas horas vagas, trabalham como DJs tocando músicas brasileiras, e o de duas outras, uma que fundou uma empresa para o intercâmbio entre as artes brasileira e chinesa e uma publicitária que realiza trabalhos voluntários em grupos ligados à cultura brasileira.

Uma dessas jornalistas, Gabriela, se formou em comunicação social no Rio de Janeiro e decidiu se especializar em jornalismo internacional, inspirada por toda a repercussão mundial do episódio do ataque às torres gêmeas em Nova York, nos Estados Unidos, conhecido como “11 de setembro”. Em vez de estudar o país “alvo” dos ataques, ela decidiu pesquisar sobre o Oriente, que passava a ser o vilão da história.

O seu objetivo, dessa maneira, era estudar um país e uma língua menos óbvia. Juntou a curiosidade do período de infância com relação à China e resolveu se debruçar sobre a história desse país, já visando uma possível migração. Ao mesmo tempo, passou a fazer visitas constantes a uma empresa chinesa, insistindo para que eles a contratassem como assessora de imprensa.

A insistência rendeu frutos! Ela foi contratada para trabalhar na empresa e, alguns meses mais tarde, foi convidada para trabalhar em Pequim.

Um dia ele (o chefe) chegou pra mim e falou: já que você gosta tanto da China, vai trabalhar no escritório da gente em Pequim mês que vem. Isso em 2002. Ai eu falei: vou. Mas com uma condição, que me paguem um curso de chinês porque não quero chegar lá alheia. Ele falou: tá bom. Com menos de um mês eu tava aqui na China pra ficar um ano. (Gabriela).

O relato de Gabriela deixa evidente que não foi apenas o trabalho que a motivou para a migração, mas o desejo de ampliar sua experiência como jornalista internacional, conhecer outro mundo, outra realidade, outra cultura.

O relato de Gabriela deixa claro que a motivação de sua migração não foi propriamente o trabalho e estudo. Na verdade, ela buscou essa motivação, ou seja, o trabalho e também o estudo foram, de certo modo, o instrumento para a ida dela à China, a forma que ela encontrou para ter um pouco mais de segurança para adentrar num terreno ainda muito desconhecido.

E de fato se tratava de um mundo completamente novo. Ela migrou para Pequim no ano de 2002, período em que já havia alguns estrangeiros, embora não em grande quantidade, o que significou, para ela, transformar-se numa espécie de atração do bairro onde morava: “*Só morava eu de estrangeira lá, então virei sensação, tipo superstar. Todo mundo parava pra me olhar no supermercado, porque eles são meio crianças, então, era muito engraçado.*” (Gabriela).

Esses primeiros contatos com a China foram apontados por Gabriela como, ao mesmo tempo, muito proveitosos, pela possibilidade de entrar em contato de fato com a cultura chinesa e com os chineses, isto é, permitiram uma imersão completa no cotidiano deles; mas implicaram, inicialmente, uma dependência que ela descreve como segue abaixo:

A sensação horrível de me sentir dependente. Eu sou assim super independente, eu me ver dependente de alguém ou de uma situação. Eu era um bebê. Não conseguia me comunicar, era analfabeta, não conseguia ler nada, estava sempre dependente de alguém. Isso era muito ruim. (Gabriela).

A possibilidade de mergulhar na cultura chinesa, neste sentido, trouxe uma bagagem no que se refere à compreensão daquela cultura, que veio a ajudar Gabriela na criação de uma empresa voltada para o intercâmbio cultural entre o Brasil e a China. Essa foi a saída que a jornalista encontrou para se manter financeiramente no país. Isso porque, logo depois, ela descobriu que o chefe chinês queria utilizá-la como instrumento para conseguir visto brasileiro para alguns chineses. Ao se dar conta disso, ela se negou a fazer qualquer coisa ilegal; foi demitida do trabalho e posta para fora do apartamento oferecido aos empregados estrangeiros.

Mesmo diante do futuro incerto, sem emprego e sem ter onde morar, Gabriela decidiu ficar na China.

Minha vida era da casa pro trabalho e pro curso de chinês. Eu não tinha muitos amigos estrangeiros, não conhecia ninguém. Quando ele falou: sai do apartamento em duas semanas, eu não tinha dinheiro. Não quis falar nada pra não preocupar minha família, mas apesar disso eu decidi ficar. Eu vim pra ficar um ano e vou ficar um ano. (Gabriela).

Assim como algumas brasileiras que migraram por reagrupamento familiar, a jornalista também conseguiu, no vínculo com a cultura brasileira, a manutenção de sua vida na China. Primeiro, desempenhando trabalhos na Embaixada do Brasil, depois, como correspondente de uma grande emissora de TV brasileira e, mais recentemente, por meio da criação da empresa de intercâmbio cultural entre o Brasil e a China.

Nesta empresa, Gabriela busca, além de apontar semelhanças e diferenças entre o Brasil e a China, romper com alguns estereótipos relacionados à cultura brasileira.

Eu sempre brinco com algum aspecto da cultura, esse ano foi a capoeira, ano passado foi o samba, com a obra "Sou negro, mas não sei sambar", pra acabar com essa ideia de que só porque é negro tem que saber sambar. Ano passado a gente falou sobre futebol, mostrando porque o futebol brasileiro é especial. (Gabriela).

Outra narrativa feminina chama atenção pela singularidade da migrante e de seu projeto migratório, que não se enquadra em nenhuma das categorias acima relacionadas. Trata-se de uma mulher negra, que migrou primeiro para a Inglaterra, após os 60 anos, já aposentada, e com os filhos adultos. Ela nasceu no interior de Minas Gerais e trabalhou, durante toda a vida, em serviços domésticos, tornando-se uma competente cozinheira. Linda gostava de ler sobre viagens, e resolveu conhecer outros mundos, outras culturas. Na Inglaterra, envolveu-se com um inglês que a humilhou muito; era, segundo ela, um fanático religioso e reclamava que estava sempre atrasada, que era incapaz de cumprir horários.

Posteriormente, ela conheceu um irlandês 30 anos mais jovem, com quem se casou. Seu gosto pela aventura, pelo conhecimento de novas culturas não diminuiu, daí ela estimulou o marido a migrar para outros países. Ele deixa, então, o emprego que tinha no Reino Unido, e ambos foram morar em uma pequena cidade da China.

Comparando com sua experiência na Inglaterra, onde se sentia estigmatizada por ser negra e brasileira, na China não encontrou esse ambiente hostil. Lá, ela não

era identificada como brasileira, mas como africana, e provocava a princípio muita curiosidade, pois vivia numa região onde quase não havia estrangeiros.

Linda acha o povo brasileiro muito alegre, muito festivo. Acha que o brasileiro é um povo único, está sempre fazendo festa, música. Mas na comparação com o chinês, afirma que estes são ainda mais felizes que os brasileiros, mesmo os chineses pobres estão sempre sorrindo, e nos filmes brasileiros a tristeza aparece estampada, a seca do Nordeste, o sofrimento das pessoas pobres, etc.

Faz também comparações com outros estrangeiros, muitos dos quais mantêm o estereótipo da brasileira como mulher sensual, quente, sempre disposta a receber cantadas. Mas não encontrou esse comportamento entre os chineses, que considera muitos sóbrios no trato com as mulheres. Ela se refere, ainda, ao estabelecimento de relações de amizade com chineses, que cultiva sem problemas, e da empatia que tem com eles. Justifica o comportamento competitivo deles como decorrência das dificuldades com as quais se defrontaram ao longo do tempo e do esforço para enfrentar a superpopulação.

O papel desempenhado por Linda no Brapeq e na comunidade brasileira é o de reavivar a culinária nacional, nos ritos de encontro e celebração. Foi graças a essa habilidade que ela se afirmou na comunidade, após vivenciar um período anterior de isolamento e depressão. Além de sua atuação voluntária nos eventos do Brapeq, ela agora recebe encomendas e é remunerada pelo seu trabalho na preparação de comidas brasileiras. Ela se sente bem em Pequim, e valoriza o cosmopolitismo da cidade, expresso no fato de propiciar até a vivência de rituais brasileiros.

Pequim é uma metrópole, aqui eu me sinto em casa, porque não me falta nada. Se precisar das coisas aqui, você acha tudo. Ontem no almoço do Brapeq foi um almoço à baiana, eu fiz uma moqueca e minha amiga fez um vatapá e a gente achou todos os ingredientes aqui.
(Linda).

Ela também destaca a manutenção de vínculos com o Brasil através da assinatura de canais a cabo; costuma assistir ao programa de Ana Maria Braga e às novelas brasileiras, entre outros:

[...] minha relação com o Brasil sempre foi assim, porque eu acompanho tudo que está acontecendo lá. Eu assino a Globo Internacional, então eu assisto às novelas, o (sic) Jornal Nacional, Ana Maria Braga, sei de tudo que está acontecendo lá. (Linda).

Considerações finais

O fato de buscar reler a identidade cultural brasileira sob novos ângulos, conforme percebemos na fala de Gabriela, é algo que permeia a história de vida de todas as entrevistadas, independentemente da motivação para a migração. A diferença está no instrumento que utilizam para realizar tal empreitada. As que migram por trabalho e estudo buscam justamente, em suas obras profissionais, reconstruir o imaginário em torno do Brasil, enquanto as que migraram por reagrupamento familiar desempenham esse trabalho por meio dos eventos do Brapeq ou, como no caso de Pâmela e Linda, realizando atividades voltadas para a comunidade brasileira.

As mulheres entrevistadas querem afastar-se do estereótipo do Brasil como o país do samba, do carnaval e da mulata. Entre a maioria das entrevistadas há uma busca pela criação de uma imagem do Brasil que não passa pela interface com esses elementos culturais. Em outras palavras, há uma tentativa de reconfiguração da identidade da mulher brasileira associada ao mundo do trabalho, à independência e a uma cultura mais refinada e elitista. A exceção fica por conta de Pâmela, que se apropria desses elementos e os ressignifica de tal forma que consegue o seu sustento justamente por ser associada a esses aspectos.

Neste rumo, podemos dizer que essa identidade brasileira que vem sendo constituída em Pequim deve ser compreendida em sua acepção plural, não acabada, em elaboração. Mesmo quando analisamos histórias de vida de mulheres com a mesma motivação para a migração, e suas representações sobre o Brasil, encontramos, além das aproximações, dissonâncias e rupturas, o que mostra o quanto estudos com base em histórias de vida podem contribuir para o campo da migração e do gênero.

Um dos aspectos evidenciados foi a ambiguidade das motivações e dos projetos migratórios, assim como os rearranjos e rearrumações que são produzidos, em alguns casos por eventos inesperados com os quais as mulheres se deparam no país de chegada.

A pesquisa apontou para a importância da migração brasileira para a China, especialmente a das mulheres. Evidenciou, ainda, que as motivações para a migração são diversas e, muitas vezes, envolvem sentimentos ambíguos e de início pouco claros. No caso da migração por reagrupamento familiar, embora o projeto seja familiar, e as mulheres deixem para trás seus empregos e vínculos sociais, elas se reinventam na trajetória migratória e passam a ocupar ou constituir novos lugares e sentidos.

O encontro com os chineses e demais grupos que por lá circulam estimula uma reflexão permanente sobre o sentido da identidade brasileira e de suas próprias

identidades. Entre os aspectos vislumbrados estão a alegria, a amizade, o calor humano, a solidariedade etc. No confronto com outras culturas, esses aspectos são relativizados e nuançados. Para algumas, esses contatos mostraram novas formas de ser homem e mulher que produziram transformações nas identidades de gênero e nos vínculos familiares.

No processo de reconstrução da identidade brasileira, são afirmados o valor da solidariedade, o convívio fraterno, a culinária. Mas há questionamentos que incidem sobre a desigualdade das relações de gênero, sobre os estereótipos que recaem sobre a mulher brasileira, sobre o consumo ostentatório e sobre o particularismo.

Observou-se, em todas elas, um permanente processo de reflexão sobre o que é ser brasileiro(a), e chamou atenção o destaque dado a elementos da cultura brasileira que em geral não são acionados. Nas diversas manifestações culturais observadas, as mulheres querem distância do estereótipo de sensualidade da mulher brasileira e se afirmam pela riqueza do cinema, da literatura e demais expressões que não as reduzem ao corpo, à beleza, à sexualidade.

Referências

- ALENCAR-RODRIGUES, Roberta de; STREY, Marlene Neves; ESPINOSA, Leonor Cantera. Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 421-430, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a16v21n3.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- GARCIA, Loreley Gomes. **Entremundos**. Histórias de mulheres transnacionais. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2006.
- JOLÉ, Michèle. Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano. **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 45, p. 423-429, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3476/347632238007.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2014.
- LANNA, Marcos. Notas sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 14, p. 173-194, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a10n14.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2013.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, [1934]1974.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista Projeto Histórico**, São Paulo, n. 15, p. 13-49, 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 22 mar. 2014.
- OLIVEIRA, Adriana Capuano de. Repensando a identidade dentro da imigração *dekassegui*. In: REIS, R. R.; SALES, T. (org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 275-307.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Retratos do estrangeiro**: identidade brasileira, subjetividade e emoção. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2009.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco. In: REIS, R. R.; SALES, T. (org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999, p.45-85.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 131-208, fev. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 3 nov. 2014.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABEP, XII. Caxambu, RS. **Anais...**, Campinas: Abep, 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2015.

SASSEN, Saskia. **The mobility of labor and capital**: a study in international investment and labor flow. New York: Cambridge University Pres, 1988.

Recebido em 27/03/2015

Aprovado em 15/05/2015